

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PIBIDIANOS PARA O ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA NAS ESCOLAS

Luciana Ferreira Leal¹

RESUMO

Este trabalho discute a formação de pibidianos no curso de Letras, destacando a relevância do ensino da literatura indígena nas escolas, com base em bibliografias e documentos atinentes. A atuação dos pibidianos, futuros professores, nos projetos de iniciação à docência é fundamental para a ampliação da diversidade literária no contexto escolar. Na Educação Básica, a inserção da literatura indígena contribui tanto para a desconstrução de estereótipos e problematização de conceitos quanto para a valorização das vozes indígenas, historicamente marginalizadas nos currículos tradicionais. Ademais, proporciona aos pibidianos e estudantes o contato com obras como *Criaturas de Nanderu*, de Graça Graúna, *A Cura da Terra*, de Eliane Potiguara, e *Kumiça Jenó*, de Márcia Kambeba. Essas narrativas evidenciam a riqueza cultural e as perspectivas dos povos indígenas, desafiando a visão colonizadora ainda predominante no ensino da literatura. A formação dos pibidianos para trabalhar com essas obras possibilita o desenvolvimento de sequências didáticas que incentivam a reflexão crítica e o respeito à diversidade cultural brasileira. Ao integrar a literatura indígena ao ensino, fortalece-se a compreensão da presença histórica e cultural dos povos originários e se amplia a visão de mundo dos estudantes. A diversificação do repertório literário na escola contribui para a formação de leitores capazes de reconhecer e valorizar a multiplicidade de narrativas que compõem a identidade nacional. Dessa forma, o ensino da literatura indígena se apresenta como uma estratégia pedagógica essencial para incentivar a leitura e promover uma compreensão mais ampla da realidade sociocultural. A formação dos pibidianos nesse cenário é indispensável para garantir um ensino mais inclusivo, plural e representativo, combatendo a predominância de perspectivas eurocêntricas que ainda marcam a educação literária no Brasil.

Palavras-chave: Literatura indígena, Formação de professores, Inclusão cultural.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) desempenha um papel fundamental na formação de professores no Brasil, proporcionando experiência prática em sala de aula e fomentando uma abordagem pedagógica crítica e inclusiva. No âmbito do ensino de literatura, a inserção da literatura indígena nos currículos escolares representa um esforço essencial para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das vozes indígenas historicamente marginalizadas. Este trabalho discute a importância da formação de pibidianos no curso de Letras para o ensino da literatura indígena, destacando experiências

¹ Doutora em Letras, Professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Paranavai, luciana.leal@unespar.edu.br



pedagógicas desenvolvidas com base em obras de autoras indígenas como Graça Graúna, Eliane Potiguara e Márcia Kambeba.

A literatura indígena vem se consolidando como uma expressão literária expressiva, trazendo a perspectiva dos povos originários sobre história, cultura e identidade. Entretanto, sua presença nos currículos escolares ainda é incipiente, sendo muitas vezes tratada de forma superficial ou ignorada. Para reverter esse cenário, a formação de professores capacitados para trabalhar a literatura indígena de forma crítica e contextualizada é essencial. Os pibidianos desempenham um papel fundamental nesse processo, uma vez que participam ativamente da construção de práticas pedagógicas dentro das escolas.

Este estudo tem como objetivo analisar a contribuição da formação dos pibidianos para o ensino da literatura indígena nas escolas, destacando como suas experiências contribuem para a formação de leitores críticos e para a desconstrução de narrativas excludentes. A metodologia utilizada envolve a análise de planos de aula, observação das atividades desenvolvidas e relatos dos pibidianos e estudantes envolvidos. Os resultados apontam que a inserção de textos literários indígenas amplia a compreensão dos alunos sobre a pluralidade cultural brasileira e permite o desenvolvimento de estratégias pedagógicas, fortalecendo a interação entre teoria e prática na formação docente.

O trabalho destaca a relevância da literatura indígena como uma estratégia de ensino essencial para a construção de um ensino inclusivo e representativo. A formação dos pibidianos permite que a literatura indígena seja incorporada de maneira significativa ao ensino, proporcionando aos estudantes uma perspectiva ampla e crítica da cultura nacional. Assim, busca-se valorizar as vozes indígenas na literatura e também consolidar uma prática educacional que reconheça e respeite a diversidade cultural do Brasil.

Na literatura indígena contemporânea, diversos autores têm se destacado e foram trabalhados em diferentes séries pelos Pibidianos da edição 2022-2024. Entre os nomes trabalhados, podemos citar Daniel Munduruku, Olívio Jekupé, Rony Wasiry Guará, Julie Dorrico, Ailton Krenak e Ely Macuxi. Esses escritores, com suas narrativas enraizadas nas culturas indígenas, têm sido fundamentais para a disseminação do conhecimento sobre as realidades e histórias desses povos. Contudo, este artigo focará especificamente no trabalho com as escritoras Graça Graúna, Eliane Potiguara e Márcia Kambeba. Elas, com suas obras literárias e acadêmicas, desempenham um papel crucial na valorização da literatura indígena feminina, oferecendo uma perspectiva enriquecedora sobre as questões e vivências indígenas no Brasil.



METODOLOGIA

A pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, com análise documental e estudo de caso. Foram utilizadas sequências didáticas elaboradas pelos pibidianos para o ensino de literatura indígena, nas quais foram aplicadas leituras compartilhadas, discussões em roda, produções textuais e atividades interativas, como a criação de instalações poéticas e debates sobre as obras. A coleta de dados envolveu registros escritos das experiências, observação das interações entre alunos e pibidianos, além da aplicação de questionários sobre a percepção dos alunos quanto à literatura indígena antes e depois da intervenção pedagógica.

A metodologia do artigo apresenta os caminhos metodológicos utilizados, bem como as ferramentas e técnicas empregadas para a realização da pesquisa. Foram utilizadas observações diretas em sala de aula, análise dos diários reflexivos dos pibidianos, entrevistas semiestruturadas com alunos e professores e a avaliação das sequências didáticas implementadas. Ademais, foram analisadas as produções dos estudantes, como redações e relatórios, a fim de verificar as mudanças na percepção e compreensão da literatura indígena.

Como a investigação envolveu a participação de alunos, todas as atividades foram conduzidas com o consentimento dos responsáveis e dentro das normas estabelecidas pela instituição envolvida. O respeito à identidade e à cultura indígena foi garantido por meio de uma abordagem pedagógica sensível e baseada no diálogo.

Dessa forma, a metodologia utilizada permitiu a integração dos dados coletados, garantindo uma compreensão da contribuição da formação dos pibidianos e da inserção da literatura indígena no contexto escolar. A análise dos resultados permitiu verificar a evolução da percepção dos alunos em relação à cultura indígena e sua representação literária, evidenciando os benefícios de uma prática educacional diversa e representativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste estudo se ancora na Lei 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, promovendo uma abordagem mais inclusiva e representativa da diversidade cultural do Brasil. Esse marco legal reforça a necessidade de um ensino que contemple a pluralidade dos saberes e das vozes históricas que compõem a identidade nacional.



Graça Graúna (2013), em sua obra *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, destaca que a literatura indígena contemporânea é um “lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas” (p. 15). A autora argumenta que a literatura indígena se enraiza na auto-história de seus escritores e escritoras, estabelecendo um diálogo com a memória coletiva dos povos indígenas e contribuindo para o resgate de suas tradições e narrativas.

A literatura indígena, conforme Graça Graúna (2013), desempenha um papel essencial na “tradução” da poética de tradição oral dos povos indígenas para a escrita, possibilitando novas formas de resistência e expressão cultural (p. 64). Ao destacar a importância da propriedade intelectual indígena, a autora ressalta que a transmissão do conhecimento indígena ocorre por meio de diversas manifestações artísticas, como a contação de histórias, a pintura corporal, a feitura do barro e a poesia (p. 172).

No âmbito pedagógico, a pesquisa utilizou a sequência básica de Rildo Cosson (2016) como modelo para a abordagem das obras literárias indígenas. Esse método se baseia em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação e análise crítica, proporcionando aos alunos uma leitura aprofundada e contextualizada. Além disso, os pibidianos incorporaram as reflexões de Antonio Candido (1972) sobre a importância da literatura na formação humanística, enfatizando que a inclusão da literatura indígena no currículo escolar contribui para a ampliação da percepção crítica dos estudantes e para a formação de leitores mais conscientes e envolvidos.

Dessa forma, o referencial teórico desta pesquisa evidencia como a literatura indígena contemporânea, alicerçada nos estudos culturais e na legislação educacional, pode ser um meio de transformação social e educacional, fortalecendo o reconhecimento da diversidade cultural e promovendo um ensino mais equitativo e representativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criaturas de Nanderu: uma experiência didática no 2º ano do Ensino Médio

A obra *Criaturas de Nanderu* (2010), de Graça Graúna, foi utilizada como base para uma sequência didática com a turma do 2º A do Ensino Médio, da escola estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, no município de Paranavaí – PR, conduzida pelas pibidianas Maria Lúcia, Izabella e Gabrielen. A proposta, que teve duração de 10 semanas no ano de 2024,



buscou introduzir os alunos à literatura indígena e também promover reflexões sobre oralidade, mitologia e a cosmovisão dos povos originários.

A primeira etapa da sequência, denominada motivação, realizou-se por meio de uma roda de conversa, na qual os alunos compartilharam suas expectativas sobre o tema e tiveram acesso a diversas obras de literatura indígena, promovendo uma exploração inicial desse universo literário. A segunda etapa, denominada Introdução, envolveu uma apresentação da autora, utilizando slides que destacavam sua biografia, carreira e contribuição para a literatura indígena contemporânea, assim como a apresentação do livro.

Durante a leitura compartilhada de *Criaturas de Nanderu*, as pibidianas incentivaram o debate por meio de questões reflexivas, levando os alunos do Ensino Médio a relacionar suas experiências pessoais com a narrativa. Perguntas como “Vocês tinham alguém que contava histórias para vocês na infância?” e “Qual a importância da tradição oral para a preservação cultural?” estimularam o diálogo e a análise crítica.

A obra traz elementos do imaginário indígena, resgatando mitos, lendas e histórias que compõem a visão de mundo dos povos originários. Essa obra, ao mesmo tempo em que apresenta o fantástico e o sobrenatural, oferece ao leitor um mergulho nas tradições culturais e espirituais indígenas. Nesse sentido, a obra provocou reflexões sobre o respeito ao meio ambiente, a preservação cultural e a importância de reconhecer a sabedoria ancestral que permeia a vida desses povos.

A culminância da sequência didática ocorreu com a elaboração de uma instalação poética, na qual os alunos criaram representações visuais e textuais inspiradas na obra, utilizando materiais como isopor, tinta e colagens. Esse momento permitiu que expressassem suas interpretações da história de forma criativa e colaborativa.

Os resultados da sequência foram bastante positivos, com as pibidianas e alunos do Ensino Médio demonstrando maior interesse pela literatura indígena e compreensão mais aprofundada sobre as temáticas abordadas. As respostas ao questionário final evidenciaram uma ampliação das perspectivas dos estudantes em relação à cultura indígena, ressaltando a importância de iniciativas como essa para um ensino mais plural e inclusivo.

A cura da terra de Eliane Potiguara no 2º Ano do Ensino Médio

A obra *A cura da terra* (2015), de Eliane Potiguara, serviu como referência para o desenvolvimento de uma sequência didática aplicada à turma do 2º B do Ensino Médio da escola estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, localizada em Paranavaí – PR. A atividade foi conduzida pelas pibidianas Carla, Emanuelle e Keren ao longo de 10 semanas, no ano de



2024. O objetivo da proposta foi apresentar aos alunos a literatura indígena, estimulando reflexões acerca da oralidade, da mitologia e da cosmovisão dos povos originários.

A introdução da sequência didática iniciou-se com uma apresentação sobre Eliane Potiguara, destacando sua biografia, sua militância pelos direitos indígenas e sua trajetória como escritora. Foram utilizados slides para contextualizar a literatura indígena e sua importância na representação das vozes indígenas na sociedade contemporânea. Em seguida, foi realizada uma roda de conversa, na qual os alunos expressaram suas expectativas sobre o livro e discutiram a relevância da temática ambiental abordada na obra.

A leitura compartilhada da obra *A cura da terra* (2015) foi realizada ao longo de diferentes encontros. Durante a leitura, as pibidianas fizeram perguntas reflexivas para estimular o pensamento crítico, como: O que trouxe a mentira, a maldade e os vícios para aquele povo? Como vocês acham que os povos indígenas se sentiram após a invasão portuguesa? Qual a importância das crianças na história?

Essas questões incentivaram a empatia dos alunos e uma compreensão mais ampla das consequências históricas da colonização sobre os povos indígenas.

Na fase final da sequência didática, os alunos foram incentivados a refletir sobre o conceito de “cura” presente na obra. O debate girou em torno da relação entre memória, resistência e preservação ambiental. Os estudantes também compartilharam suas opiniões sobre como a literatura pode atuar como meio de conscientização e transformação social.

A sequência didática encerrou-se com uma atividade criativa, na qual os alunos produziram textos e ilustrações representando sua visão sobre o livro. Os resultados mostraram um envolvimento significativo, com muitos alunos expressando interesse em explorar mais obras da literatura indígena e aprofundar seus conhecimentos sobre as questões abordadas.

A experiência com *A cura da terra* demonstrou a importância de inserir a literatura indígena no contexto escolar, ampliando a perspectiva dos estudantes sobre identidade, história e meio ambiente. Ao permitir que os alunos se relacionassem com as temáticas da obra de forma reflexiva e participativa, a atividade contribuiu para uma formação mais crítica e sensível aos desafios sociais e ambientais contemporâneos.

***Kumiça Jenó* de Márcia Kambeba no 8º ano**

A sequência didática com a obra *Kumiça Jenó*, de Márcia Kambeba, foi desenvolvida pelas pibidianas Emanuele e Emanuela em sala de 8º ano da escola Bento Munhoz da Rocha no município de Paranavaí. A obra convida o leitor a adentrar na vida de uma jovem indígena



que, em meio aos desafios contemporâneos, revela a força de sua identidade, o sentimento de pertencimento e a resistência cultural. Neste lindo livro de poemas, a autora propõe uma leitura que vai além das palavras, despertando em cada estudante a reflexão sobre as lutas diárias dos povos originários.

A narrativa de Márcia Kambeba surge como um estímulo para quebrar estereótipos e dar voz a histórias que, por muito tempo, foram silenciadas. Ao abordar questões como a disputa por territórios, o enfrentamento do preconceito e a preservação de tradições num mundo urbanizado e globalizado, a obra motiva os alunos a perceberem a importância da literatura indígena na construção de uma cidadania crítica e consciente. Essa leitura tem o potencial de transformar a sala de aula num espaço de diálogo sobre direitos humanos, inclusão e respeito à diversidade.

Ao iniciar a leitura de *Kumiça Jenó*, os estudantes são convidados a conhecer a trajetória de uma jovem que carrega em suas palavras a história de seu povo. Márcia Kambeba, com sua vivência entre a aldeia ticuna e as grandes cidades, demonstra que a identidade indígena não se restringe a um lugar ou a uma imagem estereotipada, mas se transforma, resiste e se reafirma em cada verso. A escolha da onomatopeia e das imagens poéticas na obra serve para aproximar o leitor da riqueza sonora e visual dos elementos culturais indígenas, permitindo uma experiência sensorial que reflete o cotidiano e as lutas dos povos originários.

Durante a leitura, os alunos são instigados a perceber como os elementos literários – como a onomatopeia “tchibum tchibum” – se relacionam com o ambiente e a cultura indígena, criando uma narrativa que pulsa com vida e tradição. A identificação dos símbolos, das entidades folclóricas e dos ritmos presentes na obra estimula a interpretação crítica, incentivando os estudantes a questionarem: o que significa ser indígena hoje? Como a poesia pode ser um instrumento de resistência? Ao discutir personagens como o Curupira, a Matinta e o contador, os jovens leitores desenvolvem a habilidade de relacionar a tradição oral com a escrita contemporânea, reconhecendo a pluralidade de vozes que compõem a cultura indígena.

Ao avançar na leitura de *Kumiça Jenó*, a análise crítica torna-se essencial para compreender o conteúdo literário e o contexto social e político que envolve os povos indígenas. A obra, que transborda elementos de geografia, história e antropologia, permite aos alunos refletirem sobre como a modernidade impõe desafios às tradições ancestrais. A narrativa evidencia que a luta pela preservação cultural e territorial é uma questão de memória e também um ato cotidiano de afirmação da identidade. Dessa forma, o exercício de leitura se

transforma em uma oportunidade para que os estudantes, tanto as pibidianas, quanto os da



educação básica, desenvolvam um olhar atento sobre as injustiças históricas e se envolvam em debates sobre cidadania e direitos humanos.

A formação de pibidianos para o ensino da literatura indígena: caminhos para uma educação plural e inclusiva

A literatura indígena tem um papel fundamental na valorização das vozes e narrativas dos povos originários, permitindo que suas histórias, mitos e saberes sejam reconhecidos dentro do espaço escolar. A Lei 11.645/08 consolidou a obrigatoriedade do ensino da cultura e da história indígena nas escolas, evidenciando a necessidade de formar educadores capacitados para trabalhar com essa temática. Nesse contexto, a formação de pibidianos – acadêmicos de licenciatura participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – é essencial para garantir que a literatura indígena seja abordada de forma sensível, crítica e contextualizada.

Os pibidianos foram formados pela coordenadora de área e acompanhados pela professora supervisora na escola, o que possibilitou um aprofundamento teórico e prático sobre a literatura indígena e suas múltiplas abordagens pedagógicas. A literatura indígena contemporânea, conforme aponta Graça Graúna (2013), é um espaço de resistência e de ressignificação das narrativas tradicionais, promovendo um encontro entre a oralidade e a escrita. Dessa forma, os pibidianos exploraram as obras literárias em sala de aula e incentivaram os alunos da Educação básica a refletirem sobre a importância da identidade e do pertencimento indígena na sociedade brasileira.

O modelo de sequência didática proposto por Rildo Cosson, baseado nas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação e análise crítica, foi utilizado pelas pibidianas para estruturar as atividades em torno das obras *Criaturas de Nanderu*, de Graça Graúna, *A Cura da Terra*, de Eliane Potiguara, e *Kumiça Jenó*, de Márcia Kambeba. Essas experiências permitiram que os alunos tivessem contato com a literatura indígena e também desenvolvessem um olhar crítico sobre as narrativas que envolvem os povos originários.

Nas atividades realizadas com a obra *Criaturas de Nanderu*, as pibidianas promoveram rodas de conversa e leituras compartilhadas, incentivando os alunos a relacionarem suas vivências com as histórias indígenas. A culminância da sequência didática com a instalação poética permitiu uma abordagem interdisciplinar e artística, relacionando os saberes indígenas às formas de expressão contemporâneas.

Já na experiência com *A Cura da terra*, a abordagem se centrou na militância indígena e na relação entre memória, resistência e preservação ambiental. A análise da obra levou os



alunos a compreenderem os efeitos da colonização sobre os povos indígenas e a refletirem sobre como a literatura pode ser um instrumento de conscientização e transformação social. A atividade final, que envolveu a produção de textos e ilustrações, demonstrou o envolvimento dos estudantes com as temáticas abordadas.

No caso de *Kumiça Jenó*, a leitura dos poemas de Márcia Kambeba proporcionou um mergulho na identidade e resistência cultural dos povos indígenas, levando os alunos a discutirem questões como preconceito, pertencimento e disputa por territórios. A onomatopeia e as imagens poéticas presentes na obra foram utilizadas como recursos pedagógicos para explorar a musicalidade e a oralidade da tradição indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de pibidianos para o ensino da literatura indígena revelou-se um processo enriquecedor, tanto para os acadêmicos quanto para os alunos da educação básica. A articulação entre teoria e prática, embasada nos estudos de Graça Graúna (2013) e nos referenciais de Rildo Cosson (2016) e Antonio Candido (1972), demonstrou que a literatura indígena não deve ser tratada como um conteúdo periférico, mas sim como um elemento central na construção de uma educação plural e inclusiva.

Ao trazer a literatura indígena para a sala de aula, os pibidianos contribuíram para um ensino que valoriza a diversidade cultural e promove o reconhecimento dos povos originários como sujeitos históricos. Dessa maneira, a experiência do PIBID reforça a necessidade de políticas públicas que garantam a continuidade da formação docente voltada para a inclusão da literatura indígena no currículo escolar, garantindo um ensino mais representativo e alinhado com os princípios da educação intercultural. Dessa forma, a formação dos pibidianos assume um papel crucial na construção de um ensino mais inclusivo, plural e representativo, rompendo com a predominância de perspectivas eurocêntricas na educação literária brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a



obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. Vários escritos. 5. ed. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011. p. 171-193.

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. **Criaturas de Ñanderu**. Barueri/SP: Manole, 2010.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Kumiça Jenó**. Underline Publishing LLC, 2021.

POTIGUARA, Eliane. **A cura da terra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

